



Variações sobre trabalho leve e pesado na vida das mulheres de Izidoro e Barro Alto

Iraildes Caldas Torres¹

Márcia Maria Oliveira²

INTRODUÇÃO

Nas comunidades tradicionais da Amazônia, a família e as relações que dela resultam, constituem-se no elemento organizador da economia. A divisão sexual do trabalho é o suposto da produção e tem nas atividades femininas o ponto basilar da organização do trabalho.

Nesta pesquisa realizada em duas comunidades amazônicas, Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto e Divino Espírito Santo do Izidoro, ambas pertencentes ao Município de Coari, no Amazonas, verificamos que as relações sociais são transpassadas pelo trabalho e por uma rede simbólica de sinais e significados. Mulheres e homens pautam suas relações com os elementais terra, floresta e rios com respeito e reverência, estabelecendo um pacto de preservação do ambiente natural em face da natureza dadivosa.

A condução metodológica da pesquisa seguiu as orientações das abordagens qualitativas, sem excluir os aspectos quantitativos. O desenvolvimento do campo se deu por intermédio da pesquisa participante, com uso de estratégias de seminários, palestras e diálogo aberto, utilizando recursos audiovisuais e dinâmicas intergrupais.

A coleta de dados obedeceu a uma amostra de 26 famílias residentes na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto, cujo universo é de 43 famílias. Em Izidoro também elegemos uma amostra de 26 famílias de um universo de 91 casas. Esses informantes foram ouvidos sob a técnica de formulários contendo perguntas abertas e fechadas. Ouvimos em entrevista do tipo semi-estruturado 10 mulheres em

¹ Professora da Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Ciências Sociais/Antropologia

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas.



cada uma das comunidades, além de 2 lideranças femininas também em cada uma das comunidades, sendo 2 professoras, 1 líder comunitária e um membro de movimento social (clube de mães). Ouvimos, por fim, 2 líderes comunitários do sexo masculino.

A nossa intenção consistiu em perceber a forma como as mulheres expressam a sua consciência em relação a sua condição de trabalhadora, agricultora, como estabelecem relações com o meio ambiente, de que forma elas organizam a vida em comunidade e como lidam com as questões de gênero. Buscamos perceber também a forma pela qual os homens lidam com o meio ambiente, como vêem a participação das mulheres no sistema produtivo e suas formas de organização do trabalho, dentre outras questões.

Este estudo se ocupa de uma abordagem sobre o cotidiano das mulheres de Izidoro e Barro Alto, momento em que fazemos conexões analíticas entre as práticas sociais das mulheres da agricultura familiar com o gênero e o meio ambiente. O trabalho ganha fundamental relevância na medida em que poderá constituir-se num documento necessário para a fundamentação de políticas públicas dirigidas ao segmento feminino da Amazônia.

Variações sobre trabalho leve e pesado na agricultura

O trabalho é o elemento fundante do desenvolvimento humano. É através dele que homens e mulheres articulam e colocam em movimento seus membros superiores, adquirindo novas faculdades para o raciocínio. É também por meio do trabalho que homens e mulheres constroem as relações sociais e estabelecem a sociedade.

O trabalho é, então, o substrato das relações sociais ou a ontologia do ser social como compreende Marx (1818 – 1883). Marx é o pensador que imprimiu significado central ao trabalho, o qual passa a ser o elemento nucleador da condição humana. Não é maldição, castigo ou meio de opressão como entendiam os gregos e o cristianismo antigo. O trabalho é, antes de tudo, um direito dos trabalhadores e não uma forma de dominação ou animalização do homem e da mulher.



A história é feita por homens e mulheres que interferem no processo histórico pelo seu trabalho e podem, dessa forma, transformar a sociedade, buscando alterar o seu modo de produção. A sociedade moderna é uma sociedade de trabalhadores. Quem não trabalha está excluído, está fora dela, porque a esfera pública está reduzida ao econômico.

A economia política burguesa³ não está preocupada com o aspecto antropológico do trabalho, não vê o trabalhador em sua condição de constructo e criador. Interessa a essa ciência o aspecto material e operacional da produtividade.

O trabalho é uma atividade humana. É um processo praxiológico, ou seja, é uma práxis criativa realizada somente pelos humanos sob os domínios da razão. Isto porque o produto final da atividade laboriosa feita pelo trabalhador é algo que já estava no seu intelecto, diferentemente da formiga operária que trabalha sob instinto sem ter consciência desse processo. Marx (1974, p. 148) considera que, como atividade que visa, de forma ou de outra, à apropriação do que é natural, o trabalho é condição natural da existência humana, uma condição do metabolismo entre homem e natureza independentemente de qualquer forma social.

E acrescenta:

É falso afirmar que o trabalho, enquanto produtor de valores de uso, seja a única fonte de riqueza produzida por ele, isto é, da riqueza material [...]. Trabalho que põe valor de troca é uma forma especificamente social do trabalho. Trabalho de alfaiate, por exemplo, em sua terminalidade material como atividade produtiva particular, produz a roupa, mas não o seu valor de troca. Este é produzido pelo trabalho, não como trabalho de alfaiate, mas sim como trabalho abstratamente geral, que está inserido em um conjunto social, e cuja textura não saiu das mãos do alfaiate (MARX, 1974, p.148).

As pesquisas que têm como objeto de estudo o trabalho e as relações de gênero, como as de Brumer (2004) e Torres (2005), mostram que na área rural há uma nítida compreensão da *doxa* de que os homens trabalham e as mulheres não trabalham, apenas são coadjuvantes dos homens seus maridos.

O roçado ou o sistema produtivo da várzea amazônica, onde são produzidos os gêneros alimentícios tanto para a sobrevivência da família quanto para a

³ Nos Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844, Marx critica Adam Smith (1723 – 1790) pelo fato de esse pensador só perceber o trabalho como capital vivo. Se o trabalhador não estiver trabalhando, está fora dos cânones sociais, privado de prover a sua subsistência.



comercialização, é considerado *locus* de trabalho dos homens. As mesmas atividades realizadas pelas mulheres no roçado não são consideradas trabalho, mas uma espécie de “ajuda”. Para Torres (2005, p. 154), “o significado social das atividades da mulher é bem mais diversificado e participante do que geralmente possamos supor. Além de ela realizar o importante trabalho de preparo do plantio [...] faz também o trabalho de colheita de malva, piaçaba e lavagem de juta, considerado trabalho pesado”.

As mulheres são parte integrantes do sistema produtivo, são sujeitos vivos do sistema simbólico do trabalho, o qual é tido como um fator de maturação, *status* e desenvolvimento social para elas. É o que revela Lindalva (44 anos), uma das mulheres ouvidas nesta pesquisa:

O trabalho na agricultura é muito cansativo. No final da tarde quando chego da roça estou cansada, e ainda vou fazer o serviço de casa. Mas, eu prefiro trabalhar na agricultura, fora de casa, porque me sinto útil (entrevista/2008).

O trabalho para as mulheres é um fator de reconhecimento delas por parte da comunidade, é uma espécie de “troféu” que elas recebem, embora sejam vistas como coadjuvante do marido. O aspecto social do trabalho das mulheres rurais na Amazônia sustenta-se numa ética de partilha, solidariedade e relações com a natureza que prescinde das determinações derivadas das grandezas socialmente estabelecidas, quer seja no âmbito do lucro e da renda da terra, quer seja no aspecto do salário ou de outros tipos de troca econômica. Para Rossini e Calió (2009, p. 327),

Um passo à frente seria o respeito e a valorização do importante trabalho realizado pelas mulheres em benefício da humanidade. Acima de tudo, é essencial o desenvolvimento de um modo de pensar e de agir que incorpore uma outra relação com a natureza-mulher [...]. Envolvidas com a vivência e sobrevivência da família, convertem-se em verdadeiras gestoras da configuração social: reunindo a família, as vizinhas, estabelecendo relações de solidariedade mútua, coletivizando carências e necessidades, elas têm estado presente nas lutas por moradia, pelos serviços básicos pela melhoria do meio ambiente.

As mulheres da Amazônia sempre realizaram trabalhos pesados. No período colonial, homens e mulheres trabalharam na produção das drogas do sertão, sob o jugo do trabalho forçado. Construíram “intensa lavoura de cacau, de algodão, de café, de outras espécies comerciáveis” (REIS, 1966, p. 138).



No século XIX, Lourenço da Silva Araújo e Amazonas admoestava a sociedade branca afirmando que as mulheres índias não diferiam em qualidades morais em relação aos homens. Dotadas de um talento natural que parece suprir a falta de educação formal, “as mulheres desempenham seu sublime ministério sobre a terra em companhia do homem [...], por sua ternura de indígena ao pé do berço de sua prole, e pela instintiva e angélica devoção em compartilhar a dor do que sofre” (AMAZONAS, 1984, p. 24 – 25).

Há um aspecto de reciprocidade entre homens e mulheres no contexto do trabalho na área rural. Mas, não se pode deixar de reconhecer que as mulheres fazem o trabalho mais pesado: broque⁴ do roçado e todo o processo de preparação da terra para receber o plantio. Some a isto o fato de que elas carregam pesados paneiros de mandioca nas costas percorrendo longos caminhos. Retiram mandioca da água, descascam-nas e fazem todo o processo da farinhada com a ajuda dos filhos e do marido.

Esses tipos de trabalho não podem ser considerados leves, tal como era a atividade de coleta nos tempos imemoriais de criação da agricultura, quando “as mulheres só tinham a função de juntar grãos e nozes” (STEARNS, 2007, p.31).

Nas reflexões sobre as variações do trabalho das mulheres aparece a cultura como um elemento importante, que pode determinar o grau do que se entende por leve e pesado. É o que pontua Brumer (2004, p. 211)

O caráter de pesado ou leve da atividade é relativa e culturalmente determinada, uma vez que, na esfera de suas atividades [...], a mulher executa tanto leves quanto pesados, como trabalhar na colheita dos produtos agrícolas e carregar água em lugares distantes do domicílio.

Em nossa metodologia de pesquisa quem diz e define o que é leve e pesado são os sujeitos da pesquisa. Vejamos o que diz Selma (37 anos):

Eu faço de tudo na agricultura: planto, capino, carrego e descasco mandioca, lavo, peneiro massa, participo de todo o processo da farinhada e quando é preciso broco e derrubo árvore para fazer o roçado. São trabalhos leves e pesados que eu faço porque nem sempre meu marido está comigo, as vezes ele está pescando (Entrevista/2008).

⁴ Broque é a atividade desenvolvida antes da derrubada das árvores para fazer o roçado. Trata-se da limpeza para a retirada das plantas menores, as madeiras mais finas, de modo que permaneçam somente as árvores que exigem mais esforço físico.



Observe-se que as próprias mulheres rurais reconhecem que elas executam também, trabalhos pesados como é o caso da preparação do roçado para o plantio agrícola. Segundo Torres (2005, p. 148), “são elas que se ocupam da limpeza do campo sob a técnica da capinação e da *coivara*, que consiste na queimada do matagal retirado para adubar e hidratar a terra para o plantio”. Nesse processo de limpeza está incluído a derrubada de árvores de grande porte, as quais são derrubadas à machadada pelas mulheres, já que não possuem motosserra ou outra ferramenta tecnológica para ser empregada nessa atividade.

O trabalho doméstico, corolário da dupla jornada das mulheres, inclui também atividades pesadas como carregar latas grandes de água na cabeça às vezes subindo morro, como é o caso da comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto, *locus* desta pesquisa. O trabalho doméstico, segundo Torres (2005), continua envolto numa rede de representação simbólica de largo alcance, historicamente arraigada à condição da mulher como reprodutora e “cuidadora” da família.

A simbologia do servilismo entrelaçada à cultura segregadora e dominadora do patriarcado, acabaram definindo os papéis e os espaços de forma estereotipada e segmentada conforme os gêneros: esfera pública como lugar dos homens e esfera privada como espaço do trabalho das mulheres. Melo (1998, p. 56), questiona essa situação, afirmando que “a tradição socioeconômica do trabalho doméstico tem tratado essa questão não só no âmbito da segregação, mas também concebe o serviço doméstico como continuação do trabalho pré-industrial”.

A comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto está localizada no município de Coari, no Amazonas. Está à margem direita do rio Solimões a 40 km por via fluvial, em linha reta, da sede desse município. Residem 40 famílias nessa comunidade, das quais retiramos uma amostra de 15 mulheres e 5 homens para a composição da amostra desta pesquisa, realizada em 2008 e 2009.

No âmbito do trabalho doméstico as mulheres da comunidade em apreço responsabilizam-se pelo cuidado da horta, cuidado de animais domésticos, capinação do quintal, lavagem de roupa na “beira” do rio debaixo de sol ou de chuva, além do cuidado das crianças, doentes e pessoas idosas. Maria do Rosário (45 anos), desenha o quadro de seu trabalho na horta da seguinte maneira: “Planto alguns tipos de verduras como couve, chicória, tomate, pimenta de cheiro, cebolinha. Tem que ter cuidado senão



morre”. Pode até parecer leve porque é apenas para alimento de casa, pois aqui na comunidade a maioria das mulheres plantam, mas não para comércio, somente para consumo. Mas, se torna pesado pela intensificação das outras atividades.

Essa constatação revela um dado importante até então pouco discutido nos estudos de gênero em contextos rurais, qual seja: o fato de o trabalho pesado ser compreendido somente enquanto dispêndio de força física. Não é só esse aspecto que deve ser considerado no caso das mulheres, mesmo porque é amplamente sabido que a sua estrutura biológica é incompatível com o dispêndio excessivo de força física. Em face de sua condição uterina e a exposição dos hormônios através das mamas, elas não são aconselhadas a carregar peso porque é prejudicial à sua saúde. O trabalho pesado para as mulheres é, sobretudo, a dupla jornada de suas atividades fora e dentro de casa

A jornada diária das mulheres é intensa. Acordam às 5h00, fazem a higiene matinal na “beira” do rio e já trazem a lata d’água na cabeça para fazer o café, arrumar as crianças e o semi-preparo do almoço. Almoçam no roçado ou na casa de farinha. Chegam em casa à tardinha quando vão fazer o serviço doméstico. É essa intensidade de afazeres que torna pesado o trabalho das mulheres e este fator tem que ser considerado pela sociologia do trabalho. Na fala de Wanda (36 anos), aparece claramente a sobrecarga de trabalho da mulher, a saber:

É difícil conciliar as atividades do roçado com as tarefas domésticas. Eu tenho que acordar muito cedo para dar conta de tudo e se torna mais difícil para quem tem filho pequeno como eu. Tenho que levar meus filhos para a roça porque eles não tem com quem ficar, às vezes tomamos café na casa de farinha para atrasar. Quando a gente volta já é quase de noite e aí que vou fazer as coisas de casa. É cansativo, mas é preciso fazer, eu faço, e o pior é que esse trabalho não é reconhecido, não se vê (Entrevista/2008).

O Relatório de Desenvolvimento Humano, de 1995, revela que,

em quase todos os países do mundo as mulheres trabalham mais horas do que os homens. Da carga horária de trabalho as mulheres suportam cerca de 50% nos países em desenvolvimento e 51% nos países industrializados. Porém, grande parte de rendimento do trabalho realizado por mulheres não é contabilizado – pelo fato de não produzir valores de mercado, conseqüentemente considerado não produtivo – sendo assim, os homens recebem a maior parte dos rendimentos pela sua contribuição econômica. O relatório estima, ainda que, dos 16



bilhões de dólares do produto mundial, 11 bilhões correspondem à contribuição não monetarizada (TORRES, 2007, p.192).

Um dos homens ouvidos nesta pesquisa revela que “as mulheres são muito esforçadas em seus trabalhos. Digo isto porque minha esposa trabalha bastante e muitas mulheres daqui da nossa comunidade trabalham muito. Às vezes, tem alguns homens que não trabalham tanto quanto a mulher” (Mário, 48 anos, entrevista/2008).

No caso de a mulher ser a chefe de família o seu trabalho é mais intenso porque tudo sobre cai sobre seus ombros. De acordo com Patrícia (38 anos), “é muito complicado para a mulher cuidar de tudo sozinha, e se torna mais difícil quando os filhos são pequenos. Quando se tem esposo os dois trabalham juntos, então se torna mais fácil” (Entrevista/2008).

Na comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto são raros os casos de mulheres chefes de família. Os poucos casos existentes são decorrentes do estado de viuvez e separação das mulheres.

O trabalho como ente civilizador responsável pela hominização, cria, recria e reinventa o ser social homem e mulher. E, embora cada sociedade possua um *modus vivendi* embasado no ato de trabalhar peculiar, envolvendo costumes e todo o acervo cultural de sua época, não pode haver dois pesos e duas medidas. Ou seja, não pode existir pessoas que trabalham mais e outras que trabalham menos; uns que trabalham e outros que só ajudam (não trabalham).

O trabalho, em Marx (2004), é entendido como efetivação de uma vontade transformadora do homem em que ele exterioriza o mundo e a si mesmo. Existe o sujeito executante que é o trabalhador e a trabalhadora, o ato de querer e a sua plena realização. É importante destacar que, nesse processo o sujeito trabalhador (a) não é um produto da natureza, mas sim produto de um longo e árduo processo educativo. E nesse processo educativo as mulheres foram sendo condicionadas para realizarem determinados tipos de trabalho (aqueles da esfera privada), e os homens foram sendo direcionados para executarem outros tipos de trabalho (aqueles da esfera pública). Há, assim uma divisão sexuada ou de gênero do próprio trabalho.

A esfera pública é o lugar da visibilidade das pessoas, dos fenômenos, dos processos sociais e da construção das ideias e simbologias que fazem girar o mundo da vida. É o lugar da grande política como diz Habermas (1987). É aqui que o trabalho dos homens se realiza com toda a sua carga de simbologia, tido como racional e impregnado



de valor social. Enquanto que a esfera privada onde se realiza o trabalho da mulher, considerado imanente e improdutivo, é carregado de estereotípias e sem valor social. Para Silva (1999, s/p),

Apesar de imprescindível para a produção e reprodução da força de trabalho do seu grupo, o trabalho feminino realizado em casa, no quintal e na roça ainda é visto como ajuda. Quando esse trabalho é transformado em mercadoria, vendido em troca de dinheiro, é que esse trabalho passa a ser visto como tal, mesmo que de forma desigual.

Essa perspectiva ideologizante de não visibilidade e reconhecimento do trabalho das mulheres contribui, largamente, para excluí-las dos processos de tomada de decisão na comunidade e isto é uma tentativa de desvalorização do ser feminino. Essa realidade tem passado por significativas mudanças em função da intensa luta do movimento feminista que, historicamente, tem se colocado na sociedade como uma voz crítica e emancipatória em favor das mulheres.

Por fim, não podemos deixar de assinalar o fato de que as mulheres realizam um trabalho artístico de fino labor na Amazônia e de fundamental importância, sem o qual a economia doméstica não seguiria o seu curso normal. Elas se ocupam do trabalho de tecer, fiar, bordar, confeccionar redes de algodão e de maqueira, coser e fazer louça de argila e cerâmica (AMAZONAS, 1984).

São as mulheres que preparam e fazem a cerâmica, que conhecem perfeitamente a técnica de manuseio de argila, cozimento e acabamento dos utensílios na temperatura adequada do fogo; tece a rede de dormir e a rede de pesca; faz o *jamaxi*; faz abanos ou leques, paneiros para o depósito de farinha, cestos, peneiras, balaios, confeccionam o jirau para tratar o peixe; fabricam o seu próprio fogão de barro e o forno de fazer farinha, tece o tipiti, que é utilizado na fabricação da farinha, enfim, confeccionam vários outros implementos de cozinha e de feitura da farinha (MONTEIRO, apud TORRES, 2005).

Para Lévi-Strauss (1991, p. 306), as mulheres indígenas da Amazônia “faziam uma cerâmica policromada de grande beleza e maestria”. São as mulheres que trabalham no tear de mão e que fazem rolos de fibra de *tucum* para negociar e trocar com outros produtos. Elas coletam também as penas de animais para fazer cocares, inventar brinquedos de madeira e de tecidos para os filhos e filhas, constroem objetos



para carregar as crianças nas costas, tece a rede para embalá-las e o *macuru* para treiná-las a andar. Elas são genuínas artesãs.

Essa *práxis* criadora e de singularidade do *ethos* humano torna as mulheres construtoras da história. Momento síntese de sua objetivação e hominização. Elas transformam a natureza num processo imaginativo de criação e recriação de si mesmas, exteriorizando-se para o mundo.

As mulheres falam ao mundo, comunicam suas existências através do seu trabalho. Não é o aspecto da reprodução humana que funda a condição de ser histórico e social das mulheres, são as suas práticas sociais decorrentes do seu trabalho. Cabe às ciências, reconhecerem o aspecto produtivo do trabalho das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos elementos constatados nesta pesquisa se refere a interpretação que cada uma das mulheres agricultoras atribui ao significado do “ser agricultora”, num contexto tenso e marcado pelas relações de conflito de gênero.

Esta pesquisa revela que as mulheres têm uma posição mais destacada na agricultura do que os homens, embora não exclusiva porque eles realizam o trabalho da derrubada e da roçagem, porque trata-se do trabalho que possui menor grau de importância do que a caça e a pesca. Isto nos lembra o universo de significados simbólicos em a mulher é associada à terra e a mãe natureza;

A relação das mulheres com a natureza, especialmente com a agricultura, possui substrato vital de fecundidade e de natalidade. A terra, assim como a mulher, é vida, ambas têm forças geradoras e criadoras. São fecundas e vitais.

Embora possa parecer à primeira vista que os homens são os principais arrimos ou mantenedores de suas famílias, a nossa observação e constatação é de que ambos, homem e mulher, são os responsáveis pela manutenção da família. As mulheres assumem a integralidade do trabalho da roça, da agricultura familiar, enquanto que os homens se encarregam das atividades de pesca e de caça.



Dentre os problemas constatados constam a falta de incentivo à agricultura e a ausência de recursos de infraestrutura para realizar o transporte da produção até o comércio na cidade de Coari. Por ocasião da seca ou vazante das águas do acesso à cidade é quase inexistente para os moradores da comunidade Divino Espírito Santo do Izidoro. Homens e mulheres arrastam suas canoas pelo lamaçal carregando-as sobre as costas até chegar à feira do produtor, localizado na cidade de Coari.

Outro aspecto constatado é que as mulheres são os sujeitos centrais, responsáveis pela organização social e política de suas comunidades. São também animadoras das relações de sociabilidades, vividos em estreita relação com o ambiente natural.

A relação que as mulheres estabelecem com o meio ambiente, através de sua prática com o meio ambiente, através de suas práticas sociais, é marcada por uma postura de respeito e reverência. Essa relação tem estreita conexão com o conceito de equilíbrio que envolve a vida humana e a biosfera planetária.

As mulheres da floresta possuem um *ethos* de especial cuidado para com o meio ambiente. Não é demasiado afirmar que as mulheres têm uma relação menos destrutiva com o meio ambiente do que os homens. Elas possuem uma racionalização estratégica preservacionista importante em relação ao solo, animais, plantas, água. Trata-se de uma racionalização intuitiva que tem como horizonte a continuidade da vida, a reprodução da espécie e a perenidade do planeta.

É possível que o processo de realização desta pesquisa tenha despertado nessas mulheres o desejo de seguir repensando sua atividade agrícola e a produção de farinha. A partir das reflexões resultantes dos encontros, seminários e outras atividades comunitárias realizadas no decorrer da pesquisa, elas já começaram a elaborar algumas novas abordagens sobre seu papel na comunidade, na família e na sociedade. Seguindo esta dinâmica, já se percebe uma tomada de consciência sobre a condição de dominação e sobre os mecanismos de controle social e político que os homens exercem sobre elas. Uma vez cientes destes mecanismos, elas já começam a romper com o sistema de dominação, buscando alternativas de vivência e convivência baseadas no diálogo, no respeito mútuo das diferenças e relação de igualdade de direitos.

Esse processo contribui para que possam ir revendo as suas práticas de trabalho e a produção de farinha, elaborando propostas e projetos que possam intervir de forma



coletiva contribuindo para a manutenção da atividade sem comprometer suas condições de vida e existência. Nesse sentido, é preciso reconhecer que o trabalho na agricultura e na produção de farinha, da maneira que estão realizando atualmente, resulta em grande prejuízo econômico e para a saúde das mesmas.

O fator da violência que aparece na pesquisa é traduzido na vida das mulheres como *dor e sofrimento*. Trata-se de uma relação de trabalho agrícola que se converte em uma situação de violência ao corpo das mulheres que sofrem com as dores do peso do trabalho penoso, o que ocasiona agravo à sua saúde. Some-se a isto a dificuldade de acesso às tecnologias sociais que poderiam contribuir para melhor qualidade de vida. As doenças resultantes da exposição ao sol nos trabalhos da agricultura na roça e na torrefação nas casas de farinha, são agravos à saúde que poderiam ser evitadas se houvesse políticas públicas direcionadas às mulheres da área rural.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. **Dicionário topográfico, histórico, descritivo do alto Amazonas**. Manaus: Grafima, 1984.

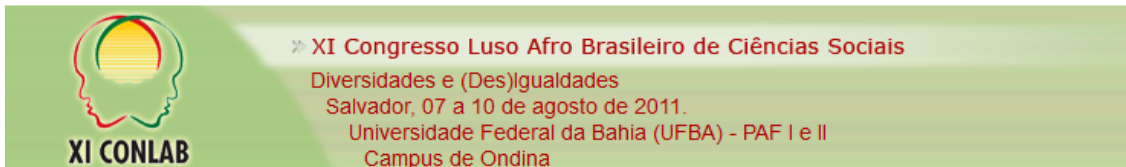
BRUMER, Anita. **Gênero e Agricultura: a situação da mulher agricultora do Rio Grande do Sul**. In: Revista de Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. Traduzido por José Antônio Braga Fernandes Dias. Lisboa: Edições 70, 1985.

_____. **O cru e o cozido**. Traduzido por Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Traduzido por Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.



MELO, Hildete Pereira de. **Globalização, políticas neoliberais e relações de gênero no Brasil**. In: BORBA, Angela et alii (org). *Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

MONTEIRO, Mario Ypiranga. **Entrevista**. In: TORRES, Iraildes Caldas. *As novas amazônidas*. Manaus: Edua, 2005.

REIS FILHO, Milton Melo dos. **Gênero e Práticas Econômicas na Comunidade Barro Alto em Coari/Am**. In: *Cadernos de Resumos [Expandido] do 16º Encontro da Redor – Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudo e Pesquisa sobre a Mulher e Relação de Gênero e do 2º Encontro de Estudo sobre Mulheres da Floresta: Gênero, Trabalho e Meio Ambiente*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

REIS, Arthur César Ferreira. **Aspectos da experiência portuguesa na Amazônia**. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, 1966.

SILVA, Raimunda Vanusa Barreto. **Vida e trabalho das mulheres agricultoras: um olhar para a comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto**. Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas. Coari, AM, 2008.

TORRES, Iraildes Caldas. **As novas amazônidas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

_____. **Humaitá: ecos de um povo**. Manaus: INPA, 2007.